

OS PRIMEIROS CANTOS DE GONÇALVES DIAS NOS DOIS LADOS DO ATLÂNTICO

Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Comandulli
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Resumo: Em 1857, ao reimprimir o seu livro de poesia *Primeiros cantos*, Gonçalves Dias acrescentou, como prefácio, um artigo crítico de Alexandre Herculano sobre seu trabalho. O texto do escritor português fora publicado na *Revista Universal Lisbonense*, em 1847, com uma arguta reflexão sobre a forma da construção poética de Gonçalves Dias, além de um estudo minucioso sobre o estado da poesia no Brasil e em Portugal na primeira metade do século XIX, pesando sempre as vicissitudes dos processos históricos e políticos dos dois países. Este trabalho tem como objetivo estudar as reflexões de Alexandre Herculano sobre as razões do crescimento quantitativo e qualitativo da poesia, aumento do consumo de livros, como também do desenvolvimento das publicações periódicas da *nação infante* e da suposta decadência literária de sua *mãe pátria*.

Palavras-Chave: Gonçalves Dias, Alexandre Herculano, *Primeiros Cantos*, crítica literária.

Abstract: In 1857, on his poetry book *Primeiros Cantos* reprint, Gonçalves Dias added, as a preface, a critical article about his work written by Alexandre Herculano. The Portuguese writer's text was published on *Revista Universal Lisbonense*, in 1847, containing an ingenious reflection on the structure of Gonçalves Dias' poetic construction, besides a close study about the ground Brazil and Portugal's poetry found itself on the first half of XIX century, weighting always the transformations of the historical and political processes of both countries. This work has as an objective to study the reflections of Alexandre Herculano on the reasons of poetry's growth in both quantity and quality, increase on book consumption and also on the development of periodical publications of the Young Nation and supposedly literary decay of its Homeland Mother

Keywords: Gonçalves Dias, Alexandre Herculano, *Primeiros Cantos*, literary review

“A colleção de poesias, que agora reimprimo, vae illustrada com algumas linhas de A. Herculano, a que devo a maior satisfação que tenho até hoje experimentado na minha vida litteraria”. Assim inicia o prólogo da segunda edição de *Primeiros Cantos*, de Gonçalves Dias, datada de 30 de março de 1857. A primeira impressão dos *Cantos* do escritor maranhense, publicada em 1847, o elevou à estrela de primeira grandeza da geração de novos poetas brasileiros. Parte de seu sucesso foi atribuído ao artigo louvador de Alexandre Herculano, publicado na *Revista Universal Lisbonense* daquele mesmo ano. O outro lado do

sucesso está configurado no timbre certo de nacionalidade dado à sua poesia, exigência contida no espírito romântico, inovando e desequilibrando a hegemonia indianista de Gonçalves de Magalhães, precursor do romantismo no Brasil. Para Antonio Candido, Dias conseguiu transformar o que “antes era *tema* – saudade, melancolia, natureza, índio” em “experiência, nova e fascinante, graças à superioridade da inspiração e dos recursos formais”¹.

O poeta brasileiro, mestiço, bacharelou-se na Universidade de Coimbra, onde recebeu influência dos intelectuais do mundo ocidental como Goethe, Schiller, Chateaubriand, Shakespeare e Byron. Em Portugal, tocou-lhe de perto os nomes que faziam vibrar o romantismo, nomeadamente, Almeida Garrett, Alexandre Herculano e António Feliciano de Castilho. O livro *Primeiros Cantos* é o resultado, segundo o próprio autor, da união do sentimento com a ideia e do coração com o entendimento, unido às experiências do estar sozinho por entre os rios D'Ouro e Tejo, na travessia infinita do Atlântico e nas florestas virgens da América. Um exilado espontâneo na Corte portuguesa cantando a sua terra: “Minha terra tem palmeiras,/Onde canta o Sabiá;/As aves que aqui gorjeiam,/Não gorjeiam como lá”. Estes versos pertencem à primeira estrofe do emblemático poema *Canção do exílio*, poema de abertura e o mais conhecido dessa obra. Essa *Canção* forma, entre outros, o conjunto dos *Poemas americanos*, de onde foram extraídos os versos do *Canto do Guerreiro* juntamente com as últimas estrofes do *Morro do Alecrim*, escolhidos por Alexandre Herculano como sendo o melhor exemplo da verdadeira poesia nacional do Brasil.

Basta uma leitura rápida e um leitor atento perceberá que o elogio não encomendado, feito por Herculano, ao primeiro livro de Gonçalves Dias não é apenas um discurso de louvor, mas a reflexão do momento literário pelo qual passa o Brasil e, sobretudo, Portugal.

Sob o título *Futuro literário de Portugal e do Brazil. Por ocasião da leitura dos Primeiros Cantos: Poesias do Sr. A. Gonçalves Dias*, publicado na *Revista Universal Lisbonense*, no ano de 1847-1848, Herculano apresenta uma amargurada reflexão acerca do estagnado estado da literatura portuguesa a partir da leitura de um jovem poeta brasileiro.

¹ CANDIDO, 1981, p. 83.

Bem como a infancia do homem a infancia das nações é vivida esperançosa; bem como a velhice d'ellas é tediosa e melancholica. Separado da mãe patria, menos pela serie de contecimentos inopinados, a que uma observação superficial lhe attribue a emancipação, do que pela ordem natural do progresso das sociedades, o Brasil, imperio vasto, rico, destinado pela sua situação, pelo favor da natureza, que lhe fadou a opulencia, a representar um grande papel na historia do novo mundo, é a nação infante que sorri; Portugal é o velho aborrido e triste, que se volve dolorosamente no seu leito de decrepidez; que se lamenta de que os raios de sol se tornassem frouxos, de que se encurtassem os horisontes da esperança, de que um crepe fúnebre vale a face da terra. Perguntae, porém, ao povo infante que cresce e se fortifica além dos mares, que se atira ridente pelo caminho da vida, se é verdade isso que diz o ancião na tristeza do seu vegetar inerte, e que, encostado na borda do tumulo, deplora pobre tonto, o mundo que vae morrer!²

Consideramos, pois, ser o “elogio”, ou melhor dizendo a “parte literária” da *Revista Universal Lisbonense*, na verdade, uma atualização de seus estudos literários contidos na publicação do *Repositório Literário*, em 1834, intitulado *Qual o estado da nossa literatura? Qual é o trilho que ela hoje tem a seguir?*, seguido de *Imitação – Belo – Unidade*, de 1835.

Fonte de leitura crítica sobre a condição da literatura no Portugal, os textos apontados acima foram escritos ao mesmo tempo em que Herculano ocupava o cargo de segundo bibliotecário da Biblioteca Pública do Porto. Para responder à sua própria questão sobre qual o estado da literatura no Portugal de guerras civis, esse propõe, como forma de se chegar à verdadeira literatura nacional, a organização teórica da evolução histórica literária e poética, apontando a poesia liberal de Garrett, em seus poemas *D. Branca* e *Camões*, como seu marco.

A ideia de organizar uma literatura nacional baseada no processo histórico e nas tradições do país não era inédita. No Século XVIII, na Inglaterra e em outros países de língua inglesa, como os Estados Unidos da América, as transformações social, cultural e econômica, causadas pela Revolução Industrial, Francesa e Americana, influenciaram diretamente no rompimento com a estética neoclássica, resultando em modernização da língua e da literatura. Almeida Garrett envolvido por toda a modernidade inglesa de William Wordsworth, por exemplo, utiliza o prefácio de *Lyrical Ballads*, na concepção de seu João Mínimo.

² RUL, nº 1, p. 5, 1847.

Mesmo antes, Almeida Garrett, em 1826, publicara o *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*, com o fito de “oferecer aos estudiosos de sua língua e poesia um rápido bosquejo da história de ambas”. Nesta introdução ao *Parnaso Lusitano*, a intenção do autor era afirmar a literatura portuguesa como verdadeiramente nacional³. Provavelmente inspirado pela contenda dos românticos ingleses Thomas Peacock e Percy Shelley, sobre a divisão cronológica da literatura representada pelas idades do ferro, ouro, prata e bronze, Garrett também divide a história da literatura portuguesa em grandes “épocas literárias”, que vão do ouro ao bronze.

Alexandre Herculano, que aprendera alemão com a Marquesa d'Alorna, absorveu em muito a evolução da literatura germânica. Na segunda metade dos setecentos, com o movimento pré-romântico *STURM AND DRANG*, a Alemanha muda o rumo de sua literatura, rejeita os cânones clássicos, se rebela contra o racionalismo iluminista e termina por caracterizar-se pela exaltação do subjetivismo e da genialidade. Aliás, o próprio Herculano afirma que “a Alemanha foi o foco da fermentação, e foi lá que os princípios revolucionários em literatura começaram a tomar desde a sua origem uma consistência e a alcançar uma totalidade de doutrinas metódicas e consequentes, não dada ainda hoje, ao resto das nações”⁴. À sua segunda pergunta, a resposta vem na defesa da criação de uma escola formal para o ensino da literatura como única saída de prevenção de futuros danos.

Passadas quase duas décadas de suas ideias lançadas em papel, Alexandre Herculano⁵, constatará, decepcionado que:

Em Portugal, os espíritos que o antigo poeta designou pelo epitheto de *bem nascidos*; aquelles que ainda tentam esquivar-se no santuario da sciencia ou da poesia ao pego da podridão dissolvente que os cerca, no meio dos seus generosos esforços chegam a illudir a Europa com essas aspirações do futuro, que também nelles não são mais do que uma illusão. As suas tentativas quase fazem acreditar que para esta nação moribunda ainda resta uma esperança de regeneração; que nas veias varicosas deste corpo semi cadáver de novo se vae injectar sangue puro; que temos ainda algum destino a cumprir antes de nos

³ Boutereck, Sismondi e Denis são os precursores da historiografia literária de Portugal e do Brasil, considerada pelos intelectuais dos oitocentos como falha, distante e pouco proposital.

⁴ HERCULANO, s.d, p. 7.

⁵ Alexandre Herculano foi um dos arquitetos do golpe da Regeneração que acontecerá em 1851, portanto o que escreve em seu artigo é um anúncio sobre a única possibilidade de reavivar a nação moribunda.

amortalhar-mos no estandarte de D. João I ou na bandeira de Vasco da Gama, e de irmos repousar no cemitério da história⁶.

Rascante nas palavras, a imagem que Herculano cria de Portugal é a de um país velho, decrépito, desesperançoso, coberto por um “crepe fúnebre”. O tecido histórico fúnebre já não lembra o Portugal dos descobrimentos. O “peito ilustre lusitano” está calado como em outra época calados estiveram os sábios gregos e troianos. A glória ficou no passado. Portugal não descobre mais outras terras. O Brasil é a nação jovem, pertencente ao novo mundo, separada da triste mãe pátria, “menos pela serie de acontecimentos inopinados, a que uma observação superficial lhe atribue a emancipação, do que pela ordem natural do progresso das sociedades”⁷.

Em *Imitação-Belo-Unidade*, de 1835, Herculano aponta para o adormecimento que se encontrava a pátria portuguesa em suas letras, cuja responsabilidade de fracasso atribuída “aos gemidos da desgraça pública”, passível de mudança no despertar da transição das ideias mais liberais.

A independência do Brasil, em setembro de 1822, não foi um ato revolucionário. A ascensão ao trono do jovem Imperador do Brasil não representava uma visão mais moderna de mundo, tal como acontecera na independência dos Estados Unidos na segunda metade do Século XVIII. Se as mudanças e os ares de modernidade podiam ser reconhecidos em terras brasileiras, com certeza encontravam esteio muito mais nos ventos liberais trazidos nas letras dos periódicos e livros aqui difundidos do que dos hábitos e crenças da coroa. Lopes de Mendonça é quem melhor pode explicar a razão pela qual o Brasil se apresenta, literariamente, como a nação jovem, destinada a “representar um grande papel na historia do novo mundo”: “Há duas tendências invencíveis na literatura, em todas as literaturas; a primeira é de enriquecer-se, em certas origens; a segunda, e é essa do nosso tempo, é de se apropriar rapidamente do espírito, da substancia que as outras nações periodicamente elaboram”⁸.

⁶ RUL, nº 1, p. 5, 1847.

⁷ RUL, nº 1, p. 5, 1847.

⁸ MENDONÇA, 1855, p. 3.

O mercado de livros é uma preocupação dos escritores de Portugal, pois sua produção consumida no Brasil gerava a apropriação das ideias e da cultura. Dominadas as letras, o passo seguinte é o reconhecimento da importância dos periódicos, embora “balbuciente(s)”, para usarmos expressões herculâneas, já “ultrapassa a imprensa da terra que foi metrópole”⁹. O autor de *Eurico, o presbítero* entendia muito bem que o trabalho da imprensa tinha capacidade de atingir e impactar o povo, tanto que ele voltará às trincheiras políticas, no ano de 1850, por ocasião da reação contra a “lei das rolhas”. Herculano é o primeiro a assinar um documento de protesto, publicado na revista *Revolução de Setembro*, daquele ano.

Os oitocentos marcam a mudança do mercado editorial em todo o mundo. Em Portugal, como no Brasil, as questões relativas ao custo editorial, assim como as técnicas utilizadas em “propaganda”, evocam o velho método de prefácio, prólogos e dedicatórias como forma de atingir tanto os editores como os consumidores. Sem qualquer inocência, o último parágrafo do *Futuro litterário de Portugal e do Brazil*, é um recado para o autor dos *Primeiros Cantos*.

Se estas poucas linhas, escriptas de abundancia de coração, passarem os mares, receba o auctor dos *Primeiros Cantos* o testemunho sincero de sympathia, que a leitura do seu livro arrancou, que não o conhece, que provavelmente não o conhecerá nunca, e que não costuma nem dirigir aos outros elogios *encomendados*, nem pedil-os para si¹⁰.

Decifrado o código, Gonçalves Dias publicou na íntegra as palavras do intelectual português. Sucesso garantido. Na contrapartida, o registro histórico da indignação de Herculano frente à decadência de Portugal nas letras. Um crente¹¹ que não aceita a posição dos novos poetas portugueses divididos entre a política e o capital.

Reiterando-se que não se trata de elogio - não é o Brasil que cresce e progride, é Portugal que decai. “É um mancebo vigoroso que derriba um velho cachetico, demente e paralítico. O que completa, porém, a prova é o exame não comparativo, mas absoluto, de algumas das modernas publicações brasileiras”.¹²

⁹ RUL, nº 1, p. 5, 1847.

¹⁰ RUL, nº 1, p. 5, 1847.

¹¹ *A harpa do crente* é a reunião de poemas de Alexandre Herculano, publicado em 1838, e os temas são a guerra civil, a liberdade, o exílio, Deus e a morte.

¹² RUL, nº 1, p. 5, 1847.

Por fim, nas últimas páginas de seu ensaio encontram-se as considerações críticas sobre a poesia de Gonçalves Dias. Os *Primeiro Cantos* “são um bello livro; são inspirações de um grande poeta”. “O auctor não o conhecemos, mas deve ser muito jovem. Tem os defeitos do escriptor ainda pouco amestrado pela experiência; imperfeições de língua, de metrificacão, e stylo. Que importa? O tempo apagará essas maculas, e ficarão as nobres inspirações estampadas nas páginas deste formoso livro”¹³. Parece natural que o autor de *Imitação-Belo-Unidade*, perceba deficiências na poética gonçalviana. O estilo romântico teria que estar em consonância dos dois lados do Atlântico. A inspiração advinda da *terra brasilis* deve ser trazida a um primeiro plano; o indianismo, como marca da poesia nacional é que torna diferente e reconhecido o novo poeta.

Como exemplo da verdadeira poesia nacional, Herculano transcreve na íntegra o poema *Canto do Guerreiro*, donde citamos a primeira estrofe.

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
- Ouvi-me, Guerreiros.
- Ouvi, meu cantar¹⁴.

Eminentemente indianista, o “eu lírico” é o próprio índio. Trata da representação da condição indígena na luta contra a escravidão, enaltecendo a dignidade de sua nação. Tema caro a Herculano, lutar contra a tirania é o mote do liberalismo português. Na segunda edição de seus cantos, Gonçalves Dias aceitará a sugestão de Herculano, aumentando o número de poemas americanos, notoriamente nacionais. Reescreverá o *Morro do Alecrim* a partir das estrofes também selecionadas por seu crítico, dividindo-o em dois: *Decrepação* e *Caxias*.

Sobre o mesmo tema que ora refletimos, Leticia Malard¹⁵, publicou em 1995, artigo intitulado *Alexandre Herculano e a literatura brasileira*. Coadunada

¹³ RUL, nº 1, p. 5, 1847.

¹⁴ DIAS, 1865, p. 15.

¹⁵ Professora emérita da UFMG, escreveu o prefácio da edição dos *Primeiros Cantos*, de Gonçalves Dias, publicado em 1998, pela editora Autêntica.

com nosso pensamento, afirma a professora que “caricaturando, poder-se-ia dizer que Gonçalves Dias entrou no texto como Pilatos entrou no Credo”. Menos incisiva, nossa aposta está no reconhecimento de Herculano ao bardo de verve modernamente nacional. O tempo se ocupou de corrigir as ranhuras de métrica e estilo, tornando Gonçalves Dias um poeta conhecido nos dois lados do Atlântico. Também o tempo cuidou de deixar na história as palavras de um homem que lutou pela liberdade na política e nas letras.

Referências

- CAMÕES. *Os Lusíadas*. São Paulo: Editor: Victor Civita, 1979.
- CANDIDO, António. *Formação da literatura brasileira*. 6ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CRUZ, Carlos Eduardo da. *Do exílio ao exílio: Alexandre Herculano no liberalismo português*. UFRJ/PPGL: Revista Garrafa nº 20, 2010. p. 4.
- DAVID, Sérgio Nazar. *O século de Silvestre da Silva: estudos sobre Garrett, A.P. Lopes de Mendonça, Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis*. Lisboa: Editora Prefácio, 2007.
- DIAS, Gonçalves. *Primeiros Cantos*. 4ª edição. Leipzig: F.A. Brockhaus, 1865.
- GARRETT, Almeida. *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*. Volume I. Porto: Lello & Irmão, 1963.
- GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.
- HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos*. Tomo IX. Lisboa: Livraria Bertrand, s/d.
- - -. *Futuro litterario de Portugal e do Brazil. Por ocasião da leitura dos Primeiros Cantos: poesias do Sr. A. Gonçalves Dias*. Revista Universal Lisbonense, 1847. Tomo 7, pag. 5.
- MALARD, Leticia. *Alexandre Herculano e a literatura brasileira*. In: Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Porto Alegre, Volume 1, Número 2, junho de 1995. Pag. 29.
- MENDONÇA, António Pedro Lopes de. *Memórias de litteratura contemporânea*. Lisboa: Typographia do Panorama, 1855.

SARAIVA, António Jose. LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 17ª edição. Porto: Porto Editora, 1996.

SHELLEY, Percy Bysshe. *Defesa da poesia*. 3ª edição. Coleção Filosofia & Ensaio. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.

Ana Cristina Comandulli é Doutora em Estudos de Literatura (Literatura comparada) pela Universidade Federal Fluminense - UFF - com ênfase no escritor António Feliciano de Castilho e sua presença nas letras oitocentistas portuguesas: sociabilidade e difusão da escrita feminina. Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. é Bacharel em Letras - Português/Literatura da Língua Vernácula pela Faculdade de Letras da UFRJ. Atuou como professor de literatura portuguesa no Curso de Letras do Centro Universitário Barra Mansa. É pesquisadora do Polo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura, onde desenvolve pesquisa sobre Maria Peregrina de Sousa e António Feliciano de Castilho. Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Os interesses em pesquisa são literatura portuguesa oitocentista, mercado literário, sociedades literárias no oitocentos, escrita feminina, rede de escritoras femininas. Participa atualmente do Projeto Senhoras do Almanaque do Grupo de Investigação do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas Europeias CLEPUL – Universidade de Lisboa e o Real Gabinete Português de Leitura. É investigadora do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa – Portugal.